



A agroecologia promovendo a segurança alimentar:

um estudo de caso no semi-árido brasileiro

Telma Castello Branco e José Felipe Marra*

A experiência da família do Sr. Antônio Santino de Freitas, 59 anos, e de sua mulher Maria de Zé Arcanjo, 50 anos, demonstra como a proposta de trabalho com a agroecologia pode contribuir para criar uma situação de disponibilidade de alimento suficiente, de boa qualidade e diversificado.

É no Sítio Croatá, no município de Bodocó-PE, propriedade de 150 tarefas (45,5 hectares) que o Sr.

Antônio herdou do seu avô juntamente com mais seis irmãos, que a família mora e trabalha.

Bodocó está localizado no sertão do Araripe, no coração do semi-árido nordestino. As secas frequentes na região afetaram profundamente os agricultores familiares, provocando migrações permanentes e/ou temporárias, sobretudo, dos jovens adultos.

A família do Sr. Antônio Santino de Freitas chegou a abandonar a agricultura na seca de 1996, indo morar em Petrolina, onde Antônio empregou-se nos projetos de irrigação. Com a volta das chuvas em 1998, a família retornou ao Sítio Croatá, onde alguns poços e barreiros tinham sido construídos. A família aproveitou um desses barreiros para iniciar o plantio de uma horta com produtos para consumo familiar e para o mercado local. No ano 2000, veio nova seca e o barreiro quase se esgotou, ameaçando a horta. A salvação surgiu com a construção de um cacimão de 12 metros de profundidade. A obra foi realizada pelo Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas (Caatinga), que contou com a mobilização da mão-de-obra da Associação Comunitária para a perfuração.

Porém, como em muitos poços e cacimbões no semi-árido nordestino, o do Sr. Antônio tinha a água um pouco salgada. Para evitar a acumulação de sal na horta, o Caatinga deu os recursos e prestou assessoria ao projeto de irrigação por gotejamento. Foi construída uma caixa-d'água elevada com pré-moldados, com capacidade para 3.500 litros, enchida por uma bomba manual feita artesanalmente. Esse sistema simples e barato permitiu irrigar por gravidade/gotejamento cerca de um hectare de horta, fruteiras e outras culturas.

O Caatinga também instruiu a família sobre técnicas agroecológicas de fertilização e controle de pragas e, para facilitar a produção dos fertilizantes, custeou um tanque para fermentação do biofertilizante e um sistema de compostagem. Além disso, o Caatinga contribuiu para a construção de duas cisternas para uso familiar.

O sistema produtivo agroecológico:

Com água disponível e utilizada de forma econômica, a família está explorando um hectare com alta diversificação de produtos: 50 pés de mamão, 90 de goiaba, 40 de maracujá, três de manga, três de caju, 45 de pimenta, 50 covas de banana, feijão, guandu, leucena, nim, quiabo, acerola, beterraba, cebolinha, pepino, alface e fumo. O fumo e o nim são usados para fazer inseticidas orgânicos.

Nas palavras do próprio Sr. Antônio:

A terra aqui é muito boa! Há mais de três anos não uso nada de química. Troquei o veneno por inseticidas naturais, o adubo químico pelo orgânico que dá sustância para a terra e para as plantas. A gente produz tudo aqui mesmo, como o composto orgânico, o fermentado; usamos o fumo, a folha da pinha, a maniçoba, a pimenta malagueta e a folha do nim; não custa nada, resolve os problemas e não faz mal à saúde.

Ainda segundo o Sr. Antônio, os resultados foram excepcionais:

Muita coisa mudou: depois do cacimão e das cisternas não faltou mais água, melhorou nossa alimentação, diminuiu a diarreia e a coceira, principalmente das



Arquivo do Caatinga

crianças, e aumentou nossa renda. Vendo o que planto aqui na horta para toda a vizinhança e ainda mando um pouco para a barraca de produtos orgânicos em Ouricuri. Estou apurando cerca de R\$ 280,00 por mês. Antes mal dava para nós comer.

No entanto, ele planeja ainda mais avanços para o futuro:

Preciso melhorar o bombeamento de água para aumentar o plantio e a renda da família. O prefeito prometeu botar energia elétrica, fez até a picada. Estou esperando! Pretendo trabalhar para sustentar o projeto, ficar independente, vender produtos com qualidade e diretamente para o consumidor. Veneno nunca mais!, diz convicto.

Queremos fazer do projeto uma referência regional! Complementa entusiasmado Lindomar, seu filho mais velho.

Resultados

Essa experiência evidencia os efeitos de uma articulação entre os diversos níveis e atores sociais. De um lado, a família organizada vivendo numa comunidade, que por sua vez trata de resistir e se organizar; de outro, uma ONG – o Caatinga – com intervenção local, mas também com inserção em redes regionais, como a Articulação do Semi-árido (ASA), e nacionais, como a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Além disso, o estabelecimento de um diálogo da comunidade com a prefeitura do município, alcançado por um processo de negociação e pressão política, para a instalação de energia elétrica, reforça a importância desse tipo de mobilização social.

Enfim, os resultados aparecem na fala dos personagens do caso: elevação da auto-estima, tomada de consciência alimentar e ambiental, disponibilidade e acesso a alimentos diversificados e sem agrotóxicos, aumento da renda familiar e maior nível de organização e participação na comunidade.

**Integrantes da ONG Caatinga.
caatinga@caatinga.org.br
ocabr@ocabr.com.br*

Referências:

Caatinga. *Relatório de Atividades do Triênio 2001-2003*. União Européia.

IBGE – Cidades@2000.

Relatório do *Seminário Preparatório ao Encontro Nacional de Agroecologia* (2001). Rio de Janeiro. Julho 27 e 28.